

CASOS CHOCANTES, COM DESFECHOS MORTAIS QUE O PAÍS DESCONHECE OU JÁ ESQUECEU

PEDRO FOYOS

Ressurgiu nos últimos dias a eterna controvérsia à volta de dois dos fenómenos mais negros da «violência juvenil entre pares»: o "bullying" (tirania física e psíquica, de forma continuada, em ambiente escolar), e as praxes académicas (que nem sempre se restringem ao folclorismo benigno que é transmitido humoradamente à sociedade). O meu interesse jornalístico por estes temas começou há sete anos, quando circulou a notícia do suicídio de um jovem estudante português, numa localidade do Norte, não muito longe do local onde se enforcou há duas semanas o Nélon Antunes, de 15 anos. As primeiras notícias referiam um «ato de desespero por causa indeterminada», porém um ou outro órgão de informação avançaria mais tarde que não seria alheio à tragédia o clima de violência «no estabelecimento de ensino frequentado pelo estudante.» O que na ocasião deu maior visibilidade ao caso, diminutamente noticiado, viria a ser a insurgência pública de algumas personalidades das ciências da educação contra a forma como em Portugal se ignorava ou subestimava o suicídio juvenil, não raro encoberto sob a falácia da "causa indeterminada". Destacaram-se nesse movimento dois prestigiados pedagogos, Beatriz Pereira, professora e investigadora do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, e Alexandre Ventura, do departamento de Ciências da Educação da

Universidade de Aveiro, que alertaram para o facto de o suicídio de jovens no País estar relacionado muitas vezes com o "bullying", embora nunca assumido como tal. Beatriz Pereira, autora de obras notáveis dedicadas ao tema, já passara pelo trauma de três suicídios nas escolas onde lecionara (dois rapazes e uma rapariga). Sempre "por causa indeterminada". Ou "acidental", uma vez por outra, como se atribuiu ao "caso Leandro", em março de 2010, quando aquele menino de 12 anos, constantemente agredido por um grupo de colegas, fugiu da escola em choro convulso e se atirou ao rio Tua, em Mirandela. Em todas essas ocasiões é habitual assistir-se na internet a uma avalanche de testemunhos dramáticos. As vítimas, de costume resignadas a sofrer em silêncio, ganham coragem e desocultam-se. Facilmente nos apercebemos, no quadro dos casos mais difundidos pela comunicação social, da amplitude inimaginável do problema. Lendo aqueles relatos de sevícias indizíveis não surpreende que alguns jovens mais introspetivos e fragilizados tentem a fuga por meio do suicídio.

Foi nesse contexto que segui muito de perto uma grande reportagem do *Diário de Notícias* sobre o "bullying" e uma outra, mais tarde, sobre as praxes cruéis. A primeira seria publicada em Outubro de 2006. Os leitores tiveram então conhecimento de que em algumas escolas do País havia alunos que pagavam a gangues juvenis um determinado montante semanal ou mensal (entre dez a trinta euros) para não sofrerem agressões. O jornal citava uma professora do conselho executivo que assumia conhecer esse esquema mafioso, contudo declarava-se impotente para o suprimir porquanto «os locais de cobrança mudam constantemente».

O Ministério da Educação esclarecia, por esse tempo, que o "bullying" em Portugal representava **apenas** cinco por cento dos problemas do sistema de ensino.

Nesse mesmo mês reapareceram os testemunhos sobre um outro género de violência, o das praxes perversas. Evocou-se a morte do

jovem Diogo Macedo, em Famalicão. Durante um ritual praxístico, Diogo sofreu múltiplas escoriações corporais, além da fratura de uma vértebra cervical (causa da morte, segundo a autópsia). Outro jovem sofrera edema na laringe em resultado de uma prova "popular" denominada "Berraria" (o caloiro é forçado a berrar durante horas, perseguindo um inseto ou um pequeno vertebrado propositadamente mutilado para lhe dificultar a locomoção).

O "bullying" e as praxes estão de alguma forma interligados. As crianças vítimas de "bullying" tornam-se mais tarde, com frequência, agressivas. No limite reencontramo-las como autoras das "chacinas de vingança" como as ocorridas sobretudo em estabelecimentos de ensino norte-americanos. O fenómeno do "bullying" tem a sua expressão de pavor indizível sob a forma de uma bomba que se oculta em silêncio nos esconsos mentais da vingança e explode alguns anos depois de ter sido armadilhada. Só nos EUA e no Brasil as "chacinas de vingança" causaram cerca de meia centena de mortes.

Pedagogos consideram que alguns dos mais inclementes universitários praxantes (os "veteranos") foram outrora crianças agredidas física e psicologicamente de forma continuada. E os praxados de hoje serão os praxantes de amanhã, tendendo a "refinar" os atos da chamada "tradição académica".

Encontram-se documentadas em vídeo ou por meio de registos fotográficos algumas praxes insuportavelmente bárbaras. Menciono quatro:

"Shot". O praxado mastiga uma malagueta, após o que ingere um "shot" de vinagre e azeite.

Simulação de atos sexuais. A rapariga caloiira simula fazer sexo oral com os "veteranos" ou praticando outros atos com um poste. O rito completo passa por simulação de orgasmos.

"Barrelada". Corte de pelos púbicos (sabe-se que um jovem sofreu ferimentos graves no escroto).

"Elefante Pensador". O praxado, de joelhos, deve mergulhar a cabeça num balde cheio de excrementos de porco ou de vaca. Esta praxe estaria confinada à Escola Agrária de Santarém e crê-se ter cessado, apesar de um ex-diretor do referido estabelecimento a defender, declarando que o contacto com a bosta é "natural".

Admite-se que mais de cinquenta por cento dos rituais praxísticos que continuam a praticar-se em Portugal são «ofensivos, intimidadores e violadores da dignidade da pessoa humana». O "catálogo" de praxes é infindo. Um dia, numa extensa reportagem dedicada ao tema, a jornalista Fernanda Câncio fez uma síntese lapidar: «Há praxes para tudo, ou de tudo nas praxes».

Até quando?